

Para Clinton, momento favorece Alca

Carlos Eduardo Lins da Silva
De São Paulo

O ex-presidente americano Bill Clinton acha que o segundo semestre deste ano será o período em que haverá mais chances para se aprovar no Congresso dos EUA a Autoridade para Promoção de Comércio (PTA, ou "fast track", via rápida), instrumento legislativo indispensável para a criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca).

Ele esteve ontem em São Paulo, a convite do **Valor** e falou a 960 empresários convidados pelo jornal. Seu tema foi a globalização da economia no século XXI.

Durante os últimos anos de seu governo, Clinton não conseguiu que o Congresso aprovasse essa legislação. Agora, ele acha que isso pode ocorrer.

O raciocínio é o seguinte: entre

1995 e 2000, o Congresso esteve sob o controle do Partido Republicano, de oposição a Clinton. Embora haja mais republicanos do que democratas a favor da PTA, os aliados do atual presidente Bush, por estarem na oposição, não demonstravam grande entusiasmo pela aprovação de nenhuma iniciativa de Clinton.

Por outro lado, muitos parlamentares do Partido Democrata, por terem vínculos profundos com os movimentos sindical e ambientalista, que se opõem à PTA, não podiam ficar ao lado de Clinton nessa iniciativa. Ninguém do Partido Republicano tem ligações estreitas com sindicatos ou ecologistas. Ao mesmo tempo, entre os democratas sempre houve e continuará havendo congressistas favoráveis à PTA em número suficiente para, aliados aos republicanos, garanti-

rem a aprovação da medida.

Há eleições parlamentares em 2002 nos EUA. Se a votação da PTA ficar para o ano que vem, Clinton acredita que a proposta pode perder entre 20 e 30 votos de deputados que enfrentem disputas renhidas em seus distritos eleitorais e temam perder o pleito se ficarem a favor do "fast track".

O ex-presidente demonstra estar seguro de que, caso a situação argentina se deteriore, os EUA devem estar prontos para ajudar a resolvê-la, como o fizeram, em seu governo, em 1995, quando estourou a crise mexicana.

Embora a maioria esmagadora dos americanos estivesse contra o auxílio ao México (que custou dezenas de bilhões de dólares), Clinton avalia agora que foi uma decisão fácil de tomar.

Na sua opinião, pesquisas de opinião têm importância, mas

devem ser lidas com sabedoria. Deixar de pagar o preço de uma intervenção em favor de uma economia emergente hoje pode obrigar os EUA a pagarem um preço ainda maior no futuro. Clinton usou esse argumento algumas vezes em sua conferência.

Sua avaliação atual é de que, sem a ajuda dos EUA em 1995, o México poderia ter se destruído. O efeito seria um contágio devastador sobre outros países da América Latina, do Sudeste asiático e da Europa oriental, além de milhões de imigrantes ilegais invadindo os EUA.

Com o auxílio americano, mais as vantagens da entrada em vigor do Nafta, o México recuperou sua economia com muito mais rapidez do que em crises anteriores (como a da década de 80) e pagou todos os empréstimos pouco tempo depois.

Na época, Clinton não precisou submeter o pacote mexicano ao Congresso, pois a legislação lhe permitia fazer esse tipo de operação por meio de decreto-lei. Agora, isso não é mais possível, o que dificulta as coisas para o Executivo. No entanto, a avaliação de Clinton é de que, numa situação de emergência, o Congresso não negará apoio a medidas em favor da Argentina.

Além disso, ele crê que os EUA podem ajudar muito a Argentina e o Brasil a superarem seus problemas atuais se abrirem cada vez mais seu mercado aos produtos desses países. Para Clinton, se o Mercosul e os EUA anunciarem que estão dispostos a negociar um acordo de livre comércio a sério e no curto prazo, as taxas de juros na Argentina e no Brasil cairão bastante e em pouco tempo.

Sua avaliação atual de episódios ocorridos nos anos de governo é que, apesar dos prejuízos políticos que possa ter sofrido, ele acertou ao apostar sempre na abertura do mercado americano porque ela também ajudou os EUA. O dólar forte e a abertura comercial, na sua opinião, explicam por que a inflação se manteve baixa durante os oito anos de crescimento ininterrupto registrados na sua administração.

Mas o Partido Democrata pode ter perdido a eleição presidencial de 2000 por causa do que houve no Estado de West Virginia, cuja economia depende basicamente da indústria siderúrgica e onde historicamente os aliados de Clinton costumam vencer. O eleitorado local ficou insatisfeito com a decisão do seu governo de não encampar pedidos para restringir a importação de aço.